



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# A Virtude do Picaluga

Por LAURA CHAVES — Desenhos de A. CASTANÉ

Era uma vez certo rei,  
vivendo em terra afamada,  
bom como o ouro de lei  
e lial como uma espada.

Chamava-se Picaluga  
e era bastante infeliz  
porque tinha uma verruga  
na pontinha do nariz.

A verruga — que maldade! —  
crescia com arrogância,  
se êle avançava em idade,  
ela avançava em tamanho.

Tinha o rei já quarenta anos  
e ainda estava solteiro,  
sofrera mil desenganos  
por môr de mal tão matreiro!



Pois, quando se declarava,  
já sabia o Picaluga  
que o mandavam logo á fava,  
a êle, ao reino e á verruga.

Sofreu tratos infernais  
mas a verruga, que reles!  
cada vez crescia mais  
e ainda se ria dêles!

Tôdas as fadas do mundo  
tinham sido consultadas  
mas o verrugão imundo  
deixou mal tôdas as fadas.

O pobre do rei, descrente,  
lançou pregões, num apêlo,  
convidando tôda a gente  
a ir ao palácio vê-lo.

Magos e adivinhões,  
ao cheiro da recompensa,  
tinham passado aos milhões  
na sua rial presença.

Tudo, tudo, lá entrou,  
do nobre até ao plebeu...  
tudo viu, tudo apalpou,  
mas com o mal ninguém deu.



Durante um ano inteirinho,  
dias e dias a fio,  
por lá passou o povinho...  
O palácio era o Rossio!

A presença dêsse rei  
que a má sina atormentava,  
tinha ido tôda a grei,  
só certa velha faltava.

Era essa velha, tão velha,  
a mais velha do país:  
A cara: como uma gelha,  
o corpo: como raiz.

Ao vêr o rei nêsse estado,  
preguntou singela, então:  
—O meu rei já foi tratado  
por doutor, ou *surgião*?—



Logo o rei caiu em si  
e foi, com certo embaraço,  
que logo fez vir, ali,  
o *surgião*-mór do paço.

Este, sem usar mézinha,  
té deu mesmo gôsto vê-lo,

a tal verruga mesquinha  
apertou com um cabelo,

Foi o bastante, afinal,  
êsse remédio empregado,  
para que o nariz rial  
ficasse desverrugado.

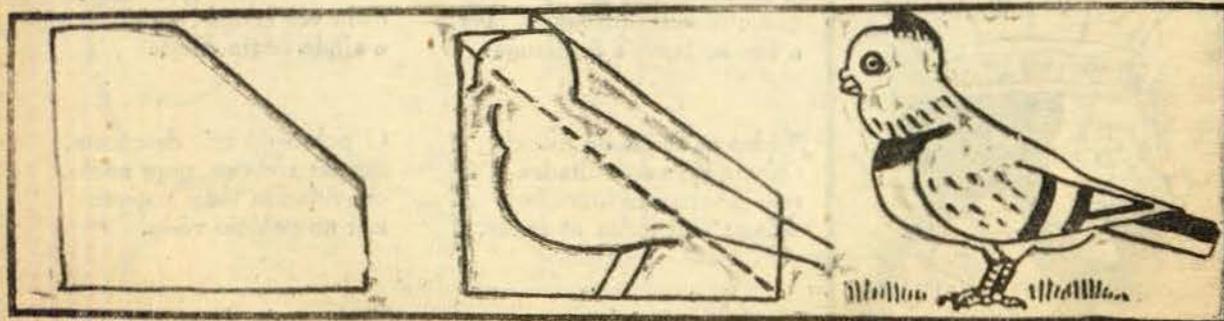
E o bom do rei Picaluga  
depois dêsse tratamento,  
por ter reino e não verruga  
arranjou bom casamento.

Antes que esta história acabe  
eu quero aqui bem frisar,  
que vale mais um que sabe,  
que cem mil a procurar.



■ ■ FIM ■ ■

## LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um pombinho

# DESTINOS

NOVELA INFANTIL  
POR  
GRACIETTE BRANCO

(Continuado do numero anterior)

—«Pois estou vendo, meu rapaz,—acabou por concordar o sr. Gonçalves,—que vais ter futuro, se fôres sempre económico e ajuizado. Peço-te que sigas sempre os meus conselhos, visto que, durante êstes mêses, tenho representado, para ti, o teu Pai. Ele deve estar em cuidado, receoso pela sorte que terás em Inglaterra, visto já lhe teres escrito uma carta, annunciando-lhe a tua resolução.

Pois para que êle fique tranquilo e confie no teu futuro, vou escrever-lhe hoje mesmo, dizendo-lhe quanto vais ganhar e que daqui a cinco anos deves vir a Portugal, acompanhando os teus patrões, conforme me dizes que ficou combinado entre mister Grossmith e vocês.»

—«Agradeço-lhe muito, primo. Peço-lhe que não deixe de lhe escrever hoje ainda, para que fiquem tranquilos a meu respeito. E agora a minha bôa prima tem que ter paciência em me arranjar a roupa e creiam todos que os levo no coração, com a maior das gratidões e a mais profunda das amizades».

Havia lágrimas nos olhos dos pequenos e soluços reprimidos nas gargantas dos Pais.

O próprio Fernando se sentia oprimido por intensa comoção, igual á que experimentara, quando, ainda em Buarcos, se resolvera a sua vinda, para Lisboa.

O Céu era tranquilo e azul, quando, na manhã seguinte, Fernando e «Charuto», ambos com a respectiva roupa debaixo do braço, se dirigiram, alvoroçados, para o barco, onde o milionário os aguardava.

A despedida, em casa do primo Gonçalves, não fôra ainda a derradeira, porque Fernando tinha licença para, na véspera da partida, fazer as suas últimas despedidas.

A imagem suave de Rosinha bailava nos olhos da alma de Fernando, velada pela saudade que o rapaz sentia, á medida que o dia da partida se aproximava.

Oprimia-se-lhe o coração á lembrança de ir pisar outra terra que não era a sua, a do seu formoso país, cheio de sol puríssimo e Céu doirado e azul, como não existe outro em todo o mundo!

A vida sorria a Fernando, na figura de mister Grossmith. A afabilidade do milionário, a simpatia e carinho que dispensava ao rapaz, fazia-o ver a vida côr de rosa, em todos os detalhes, dar vulto a um optimismo crescente e considerar-se já vencedor na batalha da vida.

O «Estrêla de Alva» seguia, veloz, cortando o mar profundo e o espírito de Fernando, enebriado, entontecido pelo estranho prazer do desconhecido, enchia-se de sonho e pulsava de alegria intensa.



A família de Mister Grossmith era curta, pois se resumia a sua esposa, senhora já de cabeça quasi totalmente embranquecida pelas neves do tempo — e de uma filha, rapariga de dezanne anos, fresca e loira como seara ao sol...

O trabalho de Fernando era mais escolhido do que o de «Charuto», talvez porque a sua figura, o seu ar, a sua maneira de ser, merecessem um pouco mais de particular carinho e se prestassem a mais delicado mister.

As suas maneiras, de natural e simples elegancia, a sua delicadeza, sincera e espontânea, haviam cativado o milionário e sua família, havendo destinado ao rapaz o papel de criado particular de mister Grossmith.

Mas Fernando não era pessoa que parasse na vida. Um grande desejo de conhecer línguas lhe invadia o espírito. Iria estudar, com entusiasmo, nas horas de descanso, francês e inglês. A sua custa havia de ser alguém. E sem que tal emprehendimento fizesse enfraquecer as suas belas qualidades de servidor, quando á noite regressava ao seu camarote, sentava-se sobre a cama, os livros nos joelhos e estudava, estudava afanosamente, até ás três ou quatro horas da manhã.

A pouco e pouco, graças á sua perseverança, Fernando, dotado de intelligência e natural aptidão, ia progredindo nos seus estudos, falando, quasi sempre, em inglês com o restante pessoal de mister Grossmith.

Um dia o milionário chamou-o, perguntando-lhe qualquer coisa, relativa ao trabalho do rapaz, havendo-lhe êste respondido em tão correcto inglês que Grossmith, entusiasmado e espontâneo, levado pelo seu temperamento franco, o abraçou, exclamando:

— «Estar contente contigo! Belo rapaz, simpático rapaz!...»

(Continua no próximo numero)

# A gripe do Anão Sabichão

Por ANÃO SABICHÃO

**A** doença da moda atacou o vosso amiguinho anão! Calculem vocês a figura dum anãozinho, com gripe! Nunca se vira ainda um caso assim, mas o caso é que o caso sucedeu!

O que diriam os outros Anõesinhos se me vissem deitado na caminha, com o meu carapuço muito enterrado pelas orelhas abaixo, a fazer uns *atchins!* tão formidáveis que tudo tremia à roda, com uma tosseira e uma rouqueira de meter respeito!

Aquilo não podia continuar assim!

Como um qualquer mortal teria de chamar o Senhor Doutor — não confundam com um jornal de crianças que usa este nome! —

Pois um anão que se preza pela sua bôa disposição, pela sua esfusiante alegria, precisa, acima de tudo, ter saúdinha!

Estava eu nestas cogitações, quando ouvi um restolhar exquisito à entrada do meu quarto. Logo, como por encanto, me vi rodeado de lindas flores e ervas de campo. De mansinho, murmuraram, acercando-se de mim:

— Soubemos que estás doente, com uma gripe valente, e vimos tratar de ti. Já não saímos daqui, sem te vêr fino outra vez, e acabado este entremez! —

Ao ouvi-las, arrebitei as orêlhas, como fazem os burrinhos, e acudi, esperançado:

— Vocês são capazes disso? De dar cura ao meu toutiço, e mais à minha garganta, e à febre que me ataranta? —



E elas tornaram a repetir:

— Viemos em bôa hora, não te amofines agora! Ficarás rijinho e são, tal e qual o mesmo Anão! —

Numa azáfama, as flores transformaram-se em medicamentos.

— Tomei, pois, chá de borragem, que é a melhor beberragem, para as grandes rouquidões e grandes constipações.

(Continua na página 8)

## Esquecimento



I — O Tónio em casa do Zeca, seu amiguinho dê há tanto, vendo a má, dele, careca, murmura com grande espanto:

II — «Porque é que a tua Máisinha cortou tão rente o cabelo, quando o cabelo que tinha, era tão farto e tão belo?!»

III — Responde o Zeca, em seguida, ao seu interlocutor:  
— «E' que, sendo distraída, se esquece, às vezes, de o pôr!»

# REMEDIO EFICAZ

POR  
LEONOR DE CAMPOS

Prometi na última semana, querido leitorzinho, revelar-te a forma como a Maria Antônia, que, como sabes, era uma menina com grandes defeitos, se tornou uma excelente rapariga, cheia de qualidades.

Foi a sua amiguinha Celeste quem a curou. Eu conto: A Celeste tem muito bom coração, é leal e sincera, mas... tem também um géniosinho levado da breca. Pessoa que se meta com ela, seja quem for, seja onde for, pode ficar certa de que não levará a melhor.

Ora a Celeste fez, há pouco, dez anos e convidou várias amigas para um chá. Gentil e delicada, multiplicava-se: dançava, tocava, conversava com umas e outras. E todas se sentiam felizes e contentes por assistir a festa tão animada. Só Maria Antônia, o demónio da curiosidade a tentá-la, nem podia achar graça às brincadeiras.

Por fim, não resistiu. Acercou-se de Celeste e perguntou-lhe:

«Ouve cá: tiveste muitas prendas?»

Celeste não levou a mal a indiscreção da amiga e respondeu:

«Sim, tive bastantes. E algumas bem bonitinhas!...»

«Mostras-me?» — pediu a curiosa.

«Mostro. Vem comigo, ao meu quarto.»

Maria Antônia acompanhou a amiga. E ao entrar no quarto ficou deslumbrada:

Sobre a secretária de Celeste, uma linda e enorme boneca, de feições correctíssimas, sorria docemente. A seu lado, livros de histórias, álbuns de desenho, jogos, um relógio de pulso, uma caixa de tintas, tudo misturado, desarrumado, um pouco despresado, mostravam que a sua dona, por muito habituada a presentes, já lhes não dava a devida importância.

— «Eia! Que coisas lindas tens aqui!...» — exclamou, entusiasmada, Maria Antônia.

E abria os livros, folheava os álbuns, experimentava os lápis de desenho.

De repente Maria Antônia viu, através da abertura duma gaveta mal fechada, uma bonita caixa de xarão com rosas estampadas. Cheia de curiosidade, interrogou a amiga:

— «O que tem aquela caixa que está na gaveta? Mostras?»

— «Oh não! Não vale a pena! — (respondeu a Celeste, fazendo-se muito vermelha). — São coisas sem importância!...»



E fechou logo a gaveta.

Maria Antônia não insistiu. Mas ficou sobre brasas. Sairam do quarto e voltaram para a sala. Mas a Maria Antônia continuava a não ter vontade de brincar, nem de dançar. Só uma coisa a preocupava: a caixa de xarão.

— «Como hei-de conseguir ver o que a Celeste guarda lá dentro?...» — pensava ela.

Até que, sem mais poder conter-se, dirigiu-se à amiga e disse-lhe:

— «Doi-me tanto a cabeça!... Naturalmente é por causa do barulho!... Se tu não te importasses eu deitava-me um pouquinho, mesmo por cima da tua cama, a ver se isto passava!...»

Ainda é tão cêdo para voltar para casa!...»

Celeste, solícita, imediatamente acedeu ao pedido da amiga. Conduziu-a ao seu quarto, ajudou-a a descalçar, agasalhou-a com um cobertor e, carinhosa, respondeu:

— «Dorme um pouco, se puderes. Talvez te faça bem!...»

E saiu, fechando a porta.

Apenas o ruído dos passos da amiga se extinguiu, Maria Antônia saltou da cama. Dirigiu-se logo à caixa que tanto a intrigava. Mas, ao abri-la, teve uma decepção:

— «Ora, que maçada!... Um estojo de costura! Porque seria que a Celeste não quiz mostrar-mo?»

Mas depressa teve a explicação. Cosido ao forro da tampa estava um bilhete que rezava assim:

— «Oferece-te a tua avó, para que deixes de ser desmazelada e aprendas a coser com perfeição.»

— «Ah! — exclamou Maria Antônia. — Está tudo ex-





plicado. Ela não teve tempo ou não a deixaram descoser o bilhete e porisso não quiz mostrar-me a caixa, para eu não saber que é uma desmazelada!...

Tornou a pôr tudo como estava e abriu um gavetão da toilette:

— «Olha! O gavetão da roupa dela! Ah! Tudo enrodi-lhado! Olha estas meias, tão mal cosidas, com algodão de côres diferentes!... Mas que menina desarranjada!...»

E fechou o gavetão, pensando:

«Bom! Já vi o que queria ver! O resto não interessa, tanto mais que não sou curiosa. Portanto vou deitar-me outra vez para fazer a parte, fico mais um pedaço e depois levanto-me e vou continuar a brincar...»

Assim fez. Mas pouco depois já estava aflita:

— «Ora esta!... Então eu hei-de aqui estar todo o dia sem me mexer, nem falar?! Ná!... Vou lá para dentro e digo que já estou melhor!...»

Levantou-se, calçou-se, deu um jeito ao cabelo e voltou para a sala.

Celeste, ao vê-la entrar, ficou admirada:

— «Então já te levantaste?!... Para quê?»

— «Ora! — (respondeu Maria Antónia, desviando o olhar). — Estava aborrecida tanto mais que-me sinto melhor...»

— «Bem, bem! Isso é que se quer!» — respondeu Celeste, desconfiada das súbitas melhoras da amiga, mas sem o car a perceber.

Maria Antónia misturou-se com a outra petizada. Fa-

lava com esta, palrava com aquela, mas a ideia do estojo não a largava. Até que, sem poder conter-se mais tempo, desafogou numa roda de amigas:

— «Vocês querem saber? A Celeste é uma desmazeladona! Vi no quarto dela uma porção de meias mal cosidas, os gavetões desarrumados e um estojo de costura com um bilhete que diz: — Ofereço-te para deixares de ser...»

— Traz! Traz!...

Duas formidáveis bofetadas ecoaram na sala. Maria Antónia desatou num berreiro. Celeste, a agressora, que a seguira, sem que ela o notasse, tudo ouvira, ralhava em altos gritos, indignada.

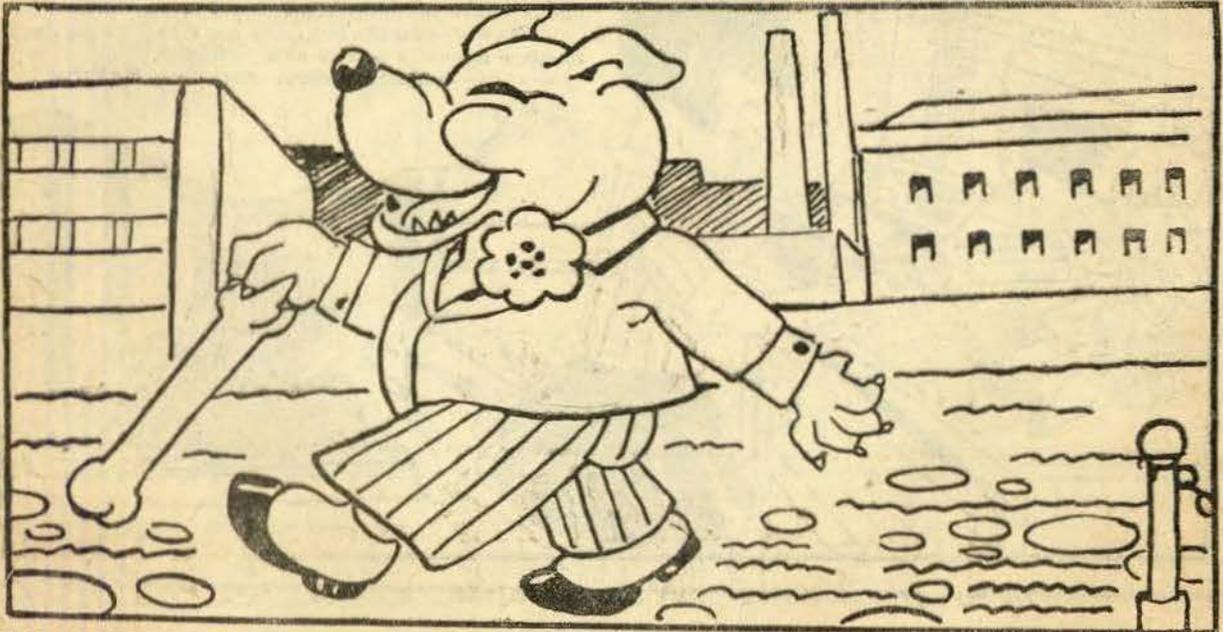
A atrapalhão era enorme. Ninguém se entendia.

As mãs das pequenas, que conversavam numa sala ao lado, acudiram aflitas. E quando, por fim, serenados os ânimos, se explicaram os factos, toda a gente, embora censurando a violência de Celeste, achou legitima a sua indignação.

A lição foi proveitosa. Maria Antónia tornou-se uma rapariga ajuizada e é hoje um modelo de educação...

**FIM**

## PARA OS MENINOS COLORIREM



**AOS MENINOS HABILIDOSOS**

**COMO SE FAZ UMA  
CASA COM CAIXAS  
DE FÓSFOROS**

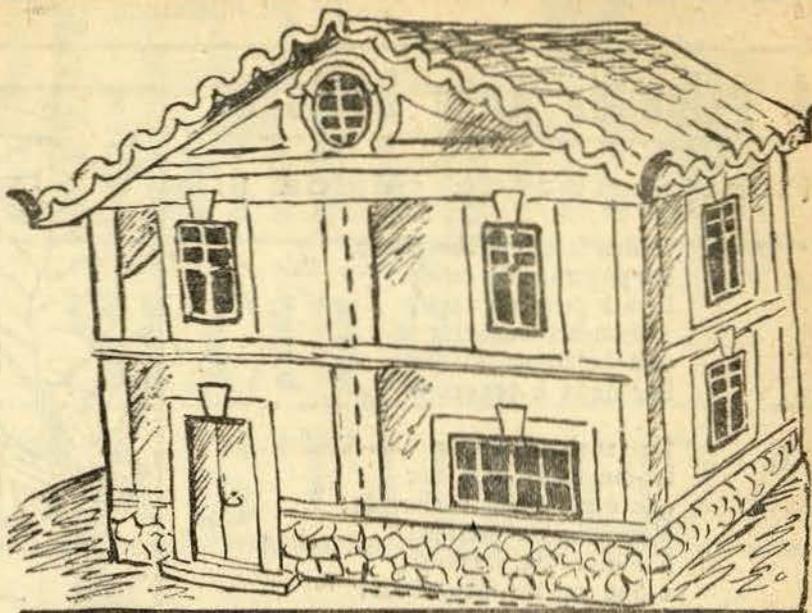
Meus meninos: — Com a construção da casinha cujo modelo apresentamos, vamos pôr à prova os vossos recursos, a vossa habilidade.

Os meninos que forem engenhosos, principalmente aqueles que, dotados de habilidade manual, revelem tendência para o desenho e — quem sabe lá! — para futuros architectos, poderão construir com 32 caixas de fósforos vazias, — (8 para cada face) — com um pedaço de cartolina com que envolverão as paredes mestras e com a qual farão o telhado, uma pequena moradia seguindo as instruções que damos a seguir:

1.º Unir as caixas de fósforos, umas às outras, pela parte interior, semi-aberta, colando a face da lixa das que constituem o 1.º andar às do rés-do-chão, tendo aberto, previamente, as portas e janelas.

2.º Forrar exteriormente as paredes mestras com a cartolina onde terão sido, antes, desenhados os cunhais, cantarias, bem como as molduras das janelas e portas.

Na fachada e face posterior a carto-



lina deve formar um ângulo recto, com um ligeiro rebordo onde o telhado — (uma folha de cartolina, desenhada e colorida, imitando a telha e dobrada ao meio) — deve assentar e ser colado. 3.º Tudo mais que a imaginação dos nossos pequeninos mas inteligentes leitores aconselhar.

**CHARADAS COMBINADAS**

+ to — Cidade portuguesa  
+ bo — Cano  
+ o — Ave  
conceito: — Pais

+ co — Sumo  
+ ca — Engodo  
+ co — Receptáculo  
conceito: — Pais

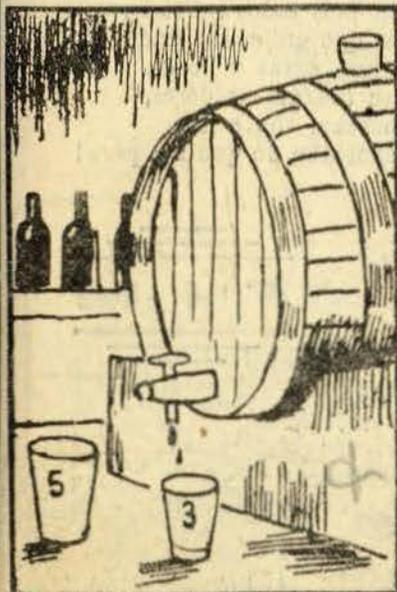
+ so — Habitante dum país  
+ sa — Imposto  
+ sa — Membro de ave  
conceito: — Pais

+ to — Sábio  
+ sa — Flôr  
Provincia portuguesa

+ co — Lábio  
+ ca — Casta  
Provincia portuguesa

+ bum — Livro de autógrafos  
+ co — Esverdeado  
+ ra — Verdadeira  
Provincia portuguesa

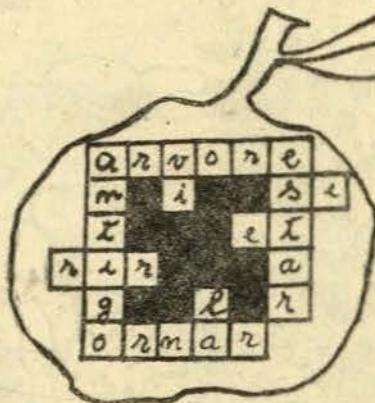
**PROBLEMA**



Um freguês pede a um taberneiro 4 decilitros de vinho mas ele só tem 2 copos; um de 5 decilitros e outro de 3. Qual é a forma de dar ao freguês os 4 decilitros?

**SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS ANTERIORES**

SOLUÇÃO DAS ANTERIORES: — 1, Pombo; 2, Rola; 3, Galo; 4, Peru; 5, Pato; 6, Pinto.



**Solução dos enigmas anteriores**

1) Vila Nova de Milfontes; 2) Miranda do Corvo; 3) Oaxarias; 4) Casa Branca; 5) Castro Marim; 6) Sobral de Montagaço; 7) Midões; 8) Cascais; 9) Coimbra; 10) Messines.

Rei do Sébo

## A gripe do Anão Sabichão

(Continuado da página 5)

Arnica feita em compressa,  
me puzeram na cabeça.  
Para a garganta curar,  
vieram-me bezuntar,  
com beladôna famosa,  
flôr linda e venenosa.

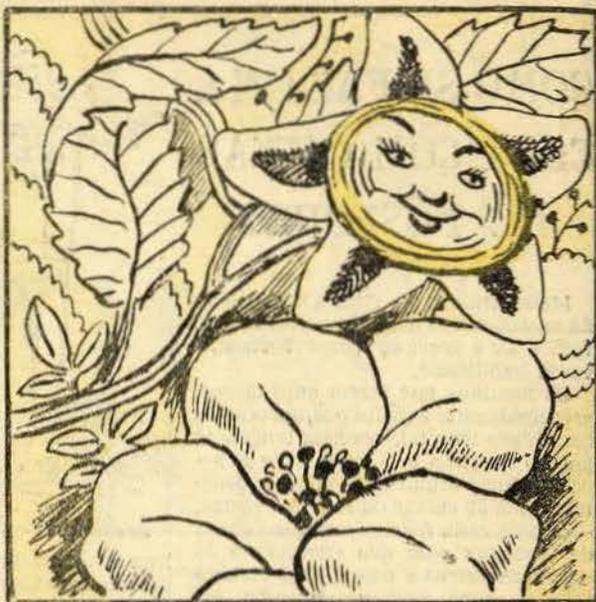
Um sôno reparador,  
foi-me dado pela flôr  
que é por todos conhecida;  
a papoila tão garrida!  
E tomei tília, também,  
o que me fez muito bem!

Nisto ouvi grande ingresia.  
Era a ortiga regateira  
que, com muito pedantismo,  
se propunha a sinapismo!  
Eu opuz-me tenazmente!  
Antes queria estar doente,  
que sofrer um tal tormento,  
duma ortiga em unguento! —

E houve ainda mais incidentes que passo a relatar.

A avenca, num ataque de fúria, batia com as folhinhas na borrágem, porque esta se lhe metera adiante e gritava furiosa, por terem desprezado o seu xarope de fama universal!

A cacomila, essa, teimava que eu padecia do



estômago e, muito zangada, queria que me fizessem, com ela, um chásinho.

Uns fetos ramalhudos, também barafustavam, indignados, porque se diziam o remédio mais eficaz para a solitária, um certo bicharão que se lembra, às vezes, de viver dentro do nosso corpinho!

Mas como era possível um Anão, dêste tamanho, ter, dentro de si, um tal bicharão com metros e metros de comprimento!

Lá consegui explicar-lhes que, felizmente, não sofria daquelas doenças!

— Tudo por fim, serenou  
e o vosso Anão melhorou...  
Fiquem pois todos sabendo,  
amigos, que me estais lendo,  
que foram ervas e flores,  
que me tiraram as dôres,  
me puzeram rijo e fero  
mais sãozinho do que um pêro!

F I M

